

A MANUTENÇÃO DA VISIBILIDADE MARÍTIMA NA CONSTRUÇÃO EM ORLAS

MENDONÇA, Eneida Maria Souza

Arquiteta, Doutora, professora adjunta, DAU/UFES, eneida@npd.ufes.br

Resumo:

Este artigo busca expor metodologia em estudo para orientar a construção nas áreas urbanas em consonância com a manutenção dos referenciais paisagísticos, representados neste caso específico pela linha d'água. Em fase anterior da pesquisa foram formulados procedimentos metodológicos gerais experimentados de modo aplicativo visando a visibilidade de morros. O presente ensaio, por sua vez, procurou testar a amplitude do método direcionando a abordagem prática para a visibilidade da paisagem referente à orla. Os conceitos referentes à percepção envolvendo arquitetura e urbanismo vêm auxiliando a formulação bem como as avaliações de viabilidade do método em construção. O objeto de estudo permanece focado na cidade de Vitória (ES), que, além das formações rochosas que caracterizam sua paisagem, conta com extensa orla relacionada à sua própria condição insular. O olhar para a ocupação urbana desta orla ao longo dos séculos é fundamental para a compreensão dos potenciais paisagístico, urbanístico e econômico deste ambiente, que, não raro, incidem sobre o local de modo a gerar apropriações conflitantes. Neste sentido, almeja-se então demonstrar a validade bem como o aprimoramento do método, tratando o contexto litorâneo da capital capixaba como representativo de situações presentes nas cidades da costa brasileira, sobretudo as de médio e grande porte.

Abstract:

This paper pursues a methodology to guide construction in urban areas to the safeguarding of landscape references, here represented by that of waterfronts. In a previous phase, general methodological proceedings have been defined aiming at maintaining the visibility of hill sites. This essay tests the spectrum of such a method, applying its principles to visibilities inherent to the cost-lines. The concepts of perception involving architecture and urbanism are of important help in the formulation and in the evaluations of the viability of such experimental method. As previously, the case study is the city of Vitória (ES), which apart from rock formations characterizing its landscape; has an extensive coast-line as inherent to its geographical insular condition. It is paramount to the understanding of its landscape, urban and economic potential, to look at its urban coast sprawl along its centuries of growth. It is not rare that such a potential affects its setting, generating conflicting appropriations of its physical space. In this perspective, this study aims at demonstrating the viability as well as the perfecting of this method, which dealing with the 'capichaba' capital's cost-line context, takes it as representative to situations in cities of the Brazilian coast, particularly the medium sized ones.

INTRODUÇÃO

O estudo aqui apresentado tem como origem pesquisa desenvolvida em 2003,¹ com o intuito de estruturar, de modo preliminar, procedimentos metodológicos para análise e construção da paisagem urbana, diante do ritmo e da característica da urbanização brasileira na atualidade, e ensaiar sua aplicação. De forma sintética, conforme concluído na ocasião, estes procedimentos envolvem: **1.** a identificação das referências paisagísticas, **2.** a eleição dos pontos de vista privilegiados para a visibilidade dos referenciais, **3.** a definição dos níveis de percepção da paisagem a serem mantidos, **4.** o mapeamento da localização e do porte das construções existentes no entorno, **5.** o estudo para garantia de acessibilidade ao referencial paisagístico, **6.** a simulação gráfica para determinação de formas futuras de ocupação urbana em favor da manutenção da visibilidade almejada e **7.** a proposição de instrumentos urbanísticos que viabilizem a realização da proposta.

O ensaio aplicativo foi desenvolvido em setor urbano de Vitória (ES) de intenso interesse imobiliário, polarizado pela Praia do Canto, tendo como foco a manutenção da visibilidade do

¹ MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Método para análise e construção da paisagem urbana – uma contribuição ao plano na escala do setor urbano para Vitória (ES). Vitória: NAU/UFES - Facitec/PMV, 2004.

Morro do Guajuru. No âmbito da mesma etapa da pesquisa, foram também iniciados estudos referentes aos instrumentos urbanísticos, buscando no Estatuto da Cidade possibilidades de atuação em benefício da paisagem.²

Em pesquisa mais recente, procurou-se ampliar o campo de análise, testando os procedimentos descritos em contexto urbano e sócio-econômico diferenciado do anterior, o que chegou a permitir um estudo comparativo. A área objeto de estudo, neste caso, passou a ser a Baía Noroeste de Vitória, paisagem dominada pela linha aquática, pelo manguezal e pela intensa e densa ocupação por população de baixa renda.³ (figuras 1 e 2)



Figura 1 - Os diferentes contatos com o limite litorâneo em Vitória



Figura 2 - Vista panorâmica da Baía Noroeste de Vitória com indicação do limite litorâneo
Foto e montagem: Gabriela Leandro Pereira

As duas áreas objeto de pesquisa, a região polarizada pela Praia do Canto e a Baía Noroeste de Vitória, divergem portanto em suas dinâmicas de ocupação urbana e no que se refere ao caráter sócio-econômico. No entanto, ambas se inserem no mesmo processo macro-econômico do Espírito Santo, que vem atingindo de modo mais incisivo a Região Metropolitana da Grande Vitória, passando ao longo das últimas décadas da agroindústria exportadora apoiada na cafeicultura para a grande indústria vinculada à siderurgia.⁴

Neste contexto, destaca-se que as duas áreas receberam significativos impactos a partir da década de 1970. A Praia do Canto passou a assimilar intenso processo de verticalização de

² Ver PEREIRA, Gabriela Leandro. O Morro do Guajuru no contexto da paisagem urbana de Vitória: um ensaio do método para análise e construção. Vitória: NAU/UFES - PIBIC/CNPq, 2004 e ALBUQUERQUE, Leticia Dalvi. O estatuto da cidade – estudo de seus instrumentos em favor da paisagem urbana. Vitória: NAU/UFES - PIBIC/CNPq, 2004.

³ Ver PEREIRA, Gabriela Leandro. A Baía Noroeste de Vitória no contexto da paisagem urbana: um ensaio comparativo do método para análise e construção. Vitória: NAU/UFES - PIBIC/CNPq, 2005 e ALBUQUERQUE, Leticia Dalvi. Estatuto da Cidade em favor da paisagem urbana: estudo comparativo entre as regiões da Praia do Canto e da Baía Noroeste de Vitória. Vitória: NAU/UFES - PIBIC/CNPq, 2005.

⁴ ROCHA, Haroldo Correa, MORANDI, Ângela Maria. Cafeicultura e Grande Indústria: a transição no Espírito Santo - 1955-1985. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991.

construções, que, juntamente com o extenso aterro construído à mesma época, constituem os principais elementos transformadores da paisagem urbana desta região. São evidentes o interesse imobiliário pela área, bem como seu vínculo com a população de alta renda da cidade. A Baía Noroeste de Vitória, por sua vez, recebeu na mesma ocasião população excluída do processo de desenvolvimento econômico vivenciado pelo estado, a partir da ocupação de áreas de manguezais aterradas com lixo, que passou a ser a principal fonte de sua subsistência. A região, que permanece abrigando população de baixo poder aquisitivo, passou por programa de urbanização ao longo da década de 1990, que, além de melhorias urbanísticas, propiciou a construção de usina de lixo.

A despeito de todos estes aspectos, o que importa realçar na abordagem aqui desenvolvida é que ambas as áreas, mesmo a partir de inserções diferenciadas no processo de construção da cidade – a primeira vinculada ao mercado imobiliário formal e a segunda vinculada à autoconstrução –, apresentam ritmo intenso de construção e de transformação da paisagem urbana. E é neste sentido que o estudo aqui exposto trata da aplicação do método de análise e construção da paisagem urbana, buscando a manutenção da visibilidade litorânea, utilizando, como objeto específico de estudo, área de ocupação informal em Vitória, correspondente à Baía Noroeste.

A ORLA URBANA EM VITÓRIA

A relação do homem com o mar remete a processos históricos relacionados ao enfrentamento do desconhecido, ao temor, à fantasia e ao mistério.⁵ Se em dado momento a motivação pela conquista comercial de novas terras estimulou descobertas científicas e incursões práticas em torno da navegação, em tempos mais recentes vem ocorrendo uma motivação pelo uso da orla marítima, requerendo desta, conseqüentemente, uma articulação cada vez mais adequada com os processos de urbanização.

No Brasil, até o século XIX e mesmo início do XX, estas regiões relacionavam-se de modo mais comum às funções portuárias, à moradia de pescadores e, mesmo, a depósito de detritos.⁶ As práticas que passaram a vincular a atmosfera marítima à saúde contribuíram para iniciar um processo de alteração de hábitos sociais do homem com o mar, culminando na instalação de balneários, atingindo, na atualidade, as atividades esportivas cotidianas. Nesta seqüência, assistiu-se ao longo do século XX acentuada mudança cultural relacionada às áreas litorâneas, o que ocasionou, entre outros aspectos, processo intenso de valorização imobiliária da orla marítima. Esta valorização dirige-se, no entanto, aos ambientes de praia, permanecendo enorme contraste entre estes e os ambientes de mangue, que se mantêm em geral vinculados a contextos culturais marginalizados.

Em Vitória, entre 1551 até a década de 1920, vivenciava-se de modo pleno sua condição insular. Esta condição é rompida em 1928, com a construção da Ponte Florentino Avidos, que possibilitou a ligação com o continente, por via terrestre, ao sul. Além da alteração da paisagem da orla de Vitória, marcada de modo exuberante pela estrutura metálica da ponte, sua construção propiciou o incremento das atividades portuárias em Vitória e a ligação, por intermédio de bonde, da capital com Vila Velha, que, desde a transferência da sede da capitania, era exercida somente pelo mar. Ao longo do século XX, outras pontes, bem como sucessivos aterros, proporcionaram novas alterações nesta paisagem, ao mesmo tempo em que contribuíram para viabilizar o funcionamento do porto, a expansão urbana de Vitória e sua permanência como capital. As feições da orla alteraram-se então, conforme essas funções, seja assimilando estruturas portuárias, seja, a partir de tratamento urbanístico e paisagístico, promovendo a praia urbana.

A divulgação da praia urbana no Brasil propagou-se desde a década de 1920 com o *boom* imobiliário de Copacabana.⁷ A partir desta época difundiram-se a moradia em apartamento e o estilo de vida da zona sul carioca como partes de um mesmo produto mercadológico aprimorado

⁵ CORBIN, Alain. O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁶ SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. O uso do solo e o município in Curso Governo e Administração Municipal. Rio de Janeiro, IBAM, 1981.

⁷ VAZ, Lilian Fessler. Uma história da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro - Estudo da modernidade através da moradia. São Paulo (tese de doutorado, FAU-USP), 1994).

pelo incorporador imobiliário, o novo agente da construção civil.⁸ Em Vitória, embora a construção do primeiro edifício date da década de 1920, a verticalização de construções como processo iniciou-se na segunda metade da década de 1940, atingindo, porém, a praia urbana somente na segunda metade da década de 1970. A esta época, a praia urbana e seus arredores tornaram-se o ambiente preferencial para a construção de edifícios, embora as primeiras aproximações neste sentido datem da década de 1950.⁹

Observa-se que, entre as décadas de 1960 e 1970, o extremo leste litorâneo da área continental de Vitória recebeu empreendimentos portuários e industriais de grande porte (Companhia Vale do Rio Doce – CVRD, porto de Tubarão e Companhia Siderúrgica de Tubarão – CST), causando interferência marcante na conformação da orla, tendo em vista a brusca interrupção do ambiente público da costa marítima. Peso notável pode ser atribuído também a este complexo quanto ao seu poder de atração de infra-estrutura urbana, que logicamente seguiu o rumo leste em Vitória para prestar, a este novo equipamento, o atendimento que requisitava. É neste sentido que foram realizadas obras significativas quanto à circulação viária, incluindo a construção de ponte, a abertura de avenida na orla da área continental do município e a própria urbanização da orla, repetindo o modelo carioca do *calçadão*. Este integrou a caracterização da região leste de Vitória no contexto da praia urbana, seguindo-se, a partir da segunda metade da década de 1980, a construção de parque urbano linear, contribuindo para valorizar a orla, neutralizar o interesse imobiliário anteriormente dirigido ao Centro e realçar o contraste com a região de manguezal, característica marcante da orla norte do município.

Desde as remotas recomendações sanitárias de aterro pelos órgãos oficiais de saúde, atribuíam-se ao mangue conotação negativa relacionada a doenças de ordens diversas. A relação desse ambiente com a subsistência de população modesta, vinculada à pesca e mesmo à conservação de hábitos primitivos, como a fabricação de panelas de barro, contribuiu para acrescentar ao ambiente do mangue atributos avessos aos anseios modernizantes. Em acréscimo a esse raciocínio, ou por aproximação, foi comum em Vitória a deposição de lixo em áreas de mangue. Quanto a este aspecto, a situação mais significativa relaciona-se à ocorrida a oeste da ilha, aqui já relatada, que passou a receber na segunda metade da década de 1970, junto ao lixo, população de migrantes que não alcançava colocação no mercado formal em conformação.

Após urbanização dos bairros situados ao longo da Baía Noroeste de Vitória, em tempos mais recentes, percebe-se, no entanto, a implantação de aparatos de lazer ao estilo dos *calçadões* e parques lineares, também na antiga orla do mangue, agora composta por estes novos bairros populares. O estímulo à gastronomia especializada em frutos do mar e as expectativas quanto à exploração do lugar para o turismo internacional e condomínio de altíssima renda indicam possibilidades de novas alterações na paisagem da região de manguezal e na estrutura sócio-econômica do lugar.

Sem a intenção de negar ou minimizar a importância do debate sobre o caráter desterritorializante que estas realizações possam proporcionar ao lugar, este estudo, em função do foco paisagístico, chama a atenção para os processos construtivos hoje exercidos na orla de manguezal de Vitória e para as possibilidades de orientação quanto às futuras ocupações, de modo a propiciar de modo simultâneo construção e manutenção dos referenciais da paisagem.

ALGUNS ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em termos metodológicos gerais este estudo seguiu os procedimentos já descritos ao início deste texto e já abordados em trabalhos anteriores.¹⁰

Para o aspecto do estudo aqui apresentado, procedimento metodológico relevante refere-se ao relacionado aos percursos, auxiliando a identificação de referenciais paisagísticos da atualidade e respectivos pontos de vista. Neste contexto, foram exploradas as cenas seqüenciais de Gordon

⁸ RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Dos cortiços aos condomínios fechados. As formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, IPPUR, UFRJ, FASE, 1997.

⁹ MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Transferência de interesse no percurso da verticalização de construções em Vitória (ES). São Paulo, Universidade de São Paulo (tese de doutorado), 2002.

¹⁰ MENDONÇA, op. cit. 2004 e MENDONÇA, Eneida Maria Souza Mendonça. Instrumentos para ocupação urbana em favor dos referenciais da paisagem Salvador: Encontro Nacional da Anpur, 2005.

Cullen¹¹; os percursos, como um dos cinco elementos urbanos de Kevin Lynch¹²; e a abordagem sobre zonas de visualização desenvolvida a partir da teoria topoceptiva de Maria Elaine Kohlsdorf¹³.

Outro procedimento relevante consiste na análise dos níveis de percepção de determinado elemento paisagístico, constituindo etapa fundamental para procedimentos seguintes, relacionados à construção da paisagem. A análise dos níveis de percepção deve permitir o reconhecimento e o estabelecimento de valores a serem conservados. Até o momento, com base na pesquisa desenvolvida, a análise dos níveis de percepção da paisagem realiza-se a partir de exame e classificação das imagens visualizadas nos diversos pontos de vista referentes ao percurso estabelecido. Alguns conceitos desenvolvidos por Ching¹⁴ vêm auxiliando neste processo. Observa-se ainda que faz parte do contexto da análise dos níveis de percepção a adequada determinação dos pontos de vista a serem considerados.

FRAGMENTOS DO ENSAIO APICATIVO DO MÉTODO

Conforme já indicado, a visibilidade da paisagem litorânea da Baía Noroeste de Vitória vem sendo prejudicada, tendo em vista, sobretudo, a forma e a intensidade com que o processo de autoconstrução tem atuado sobre o local, a despeito de não haver sobre a área interesse imobiliário do setor formal da construção civil. Significa dizer que, mesmo não existindo na região a pressão do mercado pela construção de edifícios com muitos pavimentos, encontra-se presente, no entanto, um processo de verticalização oriundo da ampliação gradativa de edificações situadas em contextos estratégicos da paisagem.

Seguindo os procedimentos metodológicos enumerados de um a sete, ao início deste texto, foi possível comprovar a possibilidade de utilização nesta região do mesmo método já experimentado em ambiente urbano distinto. Mesmo considerando que estes procedimentos compõem uma totalidade seqüencial, optou-se por destacar neste artigo apenas o procedimento referente à eleição dos pontos de vista privilegiados para a visibilidade dos referenciais.

Considerando a delimitação da Baía Noroeste de Vitória, construída nesta pesquisa como a região litorânea entre duas pontes, abrangendo de oeste a norte da ilha de Vitória, buscou-se, por meio de percursos delineados em campo, constatar os pontos de vista que geram visibilidade do litoral. A eleição dos pontos de vista considerados privilegiados deve corresponder a trajetos de intensa circulação ou permanência de pessoas; esta pode ser uma situação de fato ou potencial. Deste modo, dois percursos foram então percebidos como fundamentais: o litorâneo, interrompido pela descontinuidade da urbanização da orla, pela conformação geomorfológica ou pela própria forma de ocupação; e o referente à rodovia Serafim Derenzi, que contorna a ilha de oeste a nordeste, acompanhando, em cota ligeiramente elevada das águas, a encosta do maciço central de Vitória.

O percurso litorâneo, ao apresentar-se em parte urbanizado, resulta em ambiente de vivência para o estar, esporte e lazer; sobre a parte ainda não urbanizada verificam-se situações relacionadas à prática da pesca ou o potencial para servir ao lazer. O percurso caracterizado pela rodovia concentra atividades de comércio e serviço e corresponde a um intenso fluxo de passagem, por transporte coletivo, automóvel, bicicleta e a pé, visando as rotas usuais de residência a locais de trabalho, escola ou comércio, e ainda possíveis rotas entre bairros. É nesse sentido que estes dois percursos são considerados privilegiados para o estudo da visibilidade dos referenciais da paisagem da região. Alerta-se ainda para o fato de que, a despeito da riqueza e monumentalidade da representação do relevo na paisagem do local, por motivo de recorte investigativo a opção neste estudo foi abordar os aspectos paisagísticos do litoral.

Os pontos de vista para visibilidade litorânea ao longo destes dois percursos foram demarcados inicialmente de modo genérico, com o intuito de reconhecimento das possibilidades gerais de visibilidade, para em seguida receber detalhamento. Em termos gerais, então, pode-se constatar

¹¹ CULEN, Gordon. Paisagem Urbana. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

¹² LYNCH, Kevin. A Imagem da cidade. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

¹³ KOHLSDORF, Maria Elaine. A apreensão da forma da cidade. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1996 e BUFFON, Ana Cláudia. Ensaio da Teoria Topoceptiva: um exercício de desenho urbano. Estudo de caso – Enseada do Suá, Vitória – ES. Brasília, Universidade de Brasília (dissertação de mestrado), 1999.

¹⁴ CHING, Francis D. K. Arquitetura, forma, espaço e ordem. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

que o percurso litorâneo apresenta-se descontínuo, porém com visibilidade plena da orla ao longo do trecho existente (figuras 3, 4 e 5). No percurso referente à rodovia, por outro lado, são exíguos os pontos de vista que possibilitam vislumbrar a orla, a despeito da situação em cota privilegiada do terreno. Isto ocorre em função da forma construtiva no local, considerando-se altura, porte e implantação das construções (figuras 6, 7 e 8).

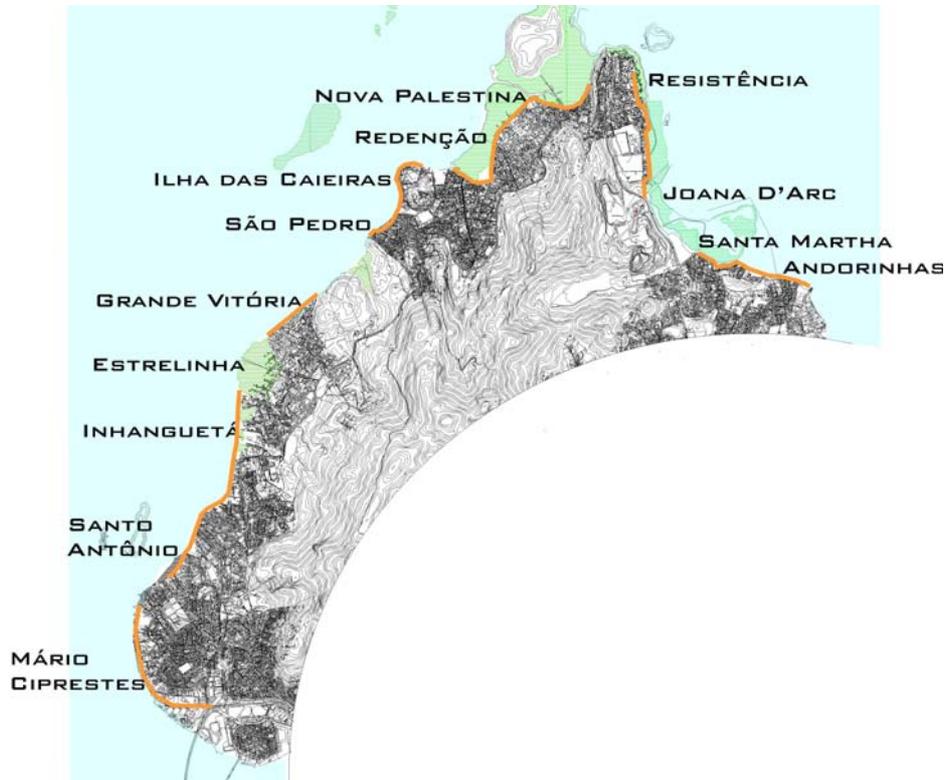


Figura 3 - Em laranja, o percurso litorâneo da Baía Noroeste de Vitória.
Desenho: Gabriela Leandro Pereira



Figuras 4 e 5 - Vistas a partir do percurso litorâneo
(Resistência e Ilha das Caieiras) Foto: Gabriela Leandro Pereira

A partir deste conhecimento inicial, Pereira,¹⁵ em seu ensaio aplicativo do método, aponta duas oportunidades distintas de visualização do litoral a depender do posicionamento do observador, ao longo dos percursos.

Os pontos de vista de número 4 ao 10 (figura 6), no percurso relacionado à rodovia, tomam o sentido oeste e permitem a visualização das águas da baía, enquanto os pontos de vista 1, 2 e 3 (figura 6) seguem o sentido nordeste e dirigem-se à visualização do mangue, não sendo possível, nestes, alcançar as águas. Esta observação permite entre outros aspectos reconhecer a diversidade paisagística e geográfica do local e ao mesmo tempo aguçar o interesse de descobrir,

¹⁵ PEREIRA, Op. cit., 2005.

por outros caminhos, as águas, entre os mangues, que não se encontram visíveis de lá, em função dos estreitos canais.

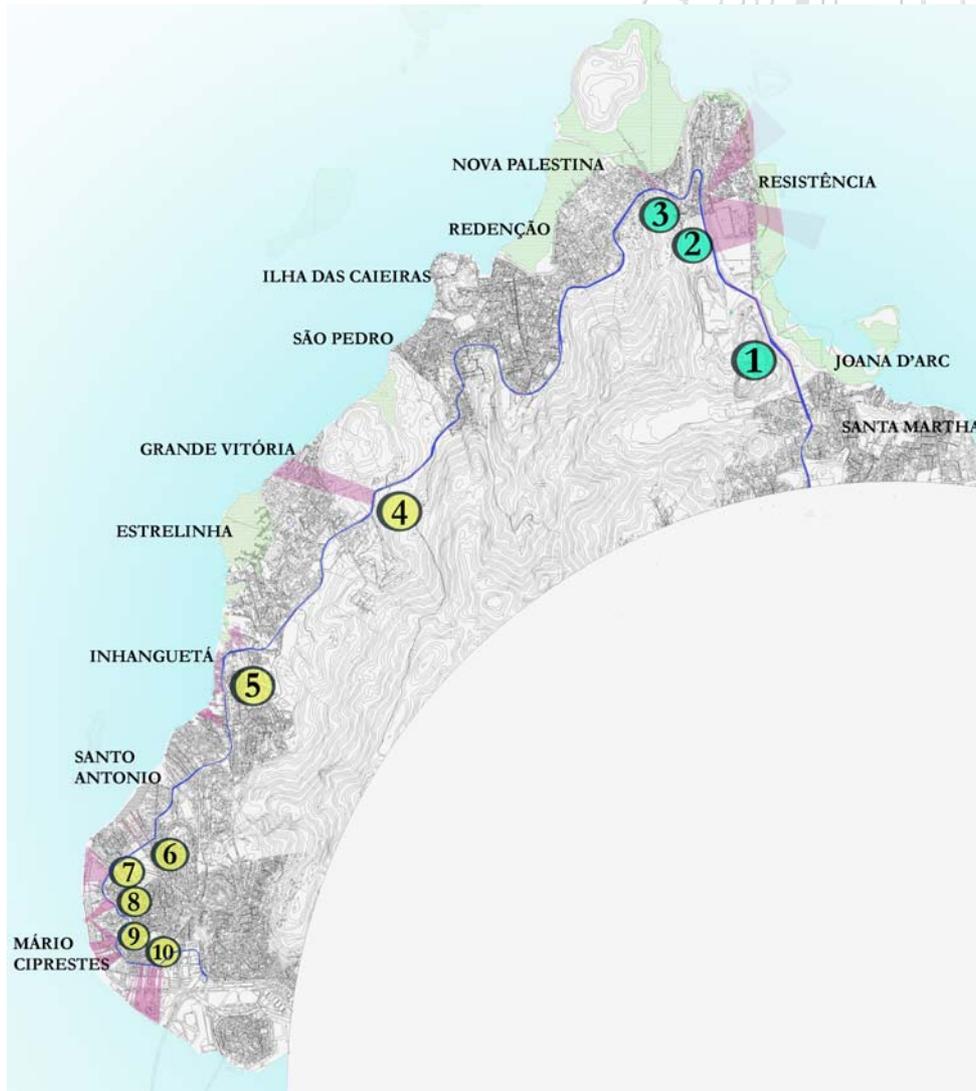


Figura 6 - Em azul, o percurso pela rodovia Serafim Derenzi.
Desenho: Gabriela Leandro Pereira



Figuras 7 e 8 - Vistas a partir do percurso pela rodovia - trechos 2 e 6 (figura 6)
Foto: Gabriela Leandro Pereira

Estes estudos gerais mostraram que, a despeito das interrupções, há um trecho da rodovia, relativamente longo, onde se percebe a possibilidade de manutenção e mesmo de recuperação de visibilidades litorâneas, considerando-se, em grande parte das situações, o pequeno porte das intervenções existentes (figura 9).

Para detalhar a observação neste trecho foram realizados mapeamentos específicos em campo,

registrando-se as zonas de visibilidade das águas a partir de ambos os lados da rodovia, acompanhando-se as calçadas ou, na ausência destas, os meios-fios. Deste modo procurou-se a mais ampla abrangência quanto aos registros de visibilidade litorânea a partir de pontos de vista públicos. Foram amplos também os registros fotográficos, acompanhando sempre o mapeamento das zonas de visibilidade.

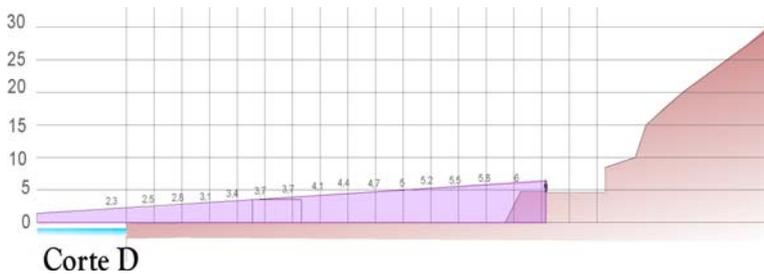
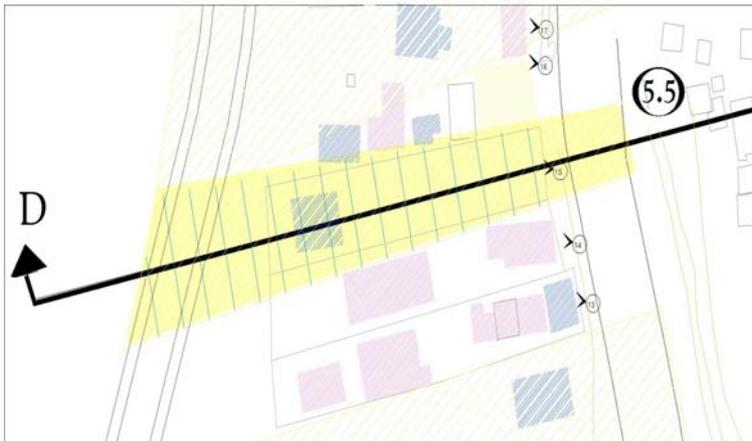


*Figura 9 - Trecho do percurso pela rodovia passível de manutenção e recuperação da visibilidade litorânea
Desenho: Gabriela Leandro Pereira*

Com o detalhamento deste trecho foi possível observar que as visibilidades litorâneas se mantêm ao longo de percursos onde estão presentes terrenos sem construção ou trechos referentes a acessos como ruas, becos ou escadarias. Nota-se ainda que em alguns casos a presença de muros impede a visibilidade da orla, mesmo quando há ausência de construção no respectivo terreno.

Considerando o declive e a variação de largura da área entre a rodovia e a orla, nota-se também que edificações ali existentes, mesmo distantes da rodovia, contribuem, em alguns casos, para a quebra da continuidade da visualização litorânea. Neste sentido salienta-se a presença inclusive de equipamentos públicos que, pelo porte e implantação, impactam esta visibilidade, como é o caso do sambódromo. Nota-se ainda que, em função da dinâmica construtiva no local, obras particulares em execução encontram-se em vias de bloquear parte destas visibilidades ainda possíveis.

A título demonstrativo as figuras 10, 11 e 12 apresentam a simulação gráfica indicando a variação de altura possível em região específica entre a orla e a rodovia, visando manter a visibilidade das águas da baía de Vitória em determinado ponto do percurso estudado. Do mesmo modo que no ensaio aplicativo do método de análise e construção da paisagem urbana direcionado à visibilidade de morros, ressalta-se que, também no caso direcionado à visibilidade litorânea, é indispensável que as recomendações inerentes aos modelos construtivos adequados ao local sejam incorporadas pela legislação urbanística.



*Figuras 10, 11 e 12 - Estudo demonstrativo em ponto específico do percurso pela rodovia indicando respectivamente vista, área em planta e representação das alturas das edificações visando a visibilidade litorânea
Foto e desenho: Gabriela Leandro Pereira*

O método aqui tratado de modo fragmentado, porém com abordagem específica, demonstra então seu potencial técnico de aplicabilidade em contextos paisagísticos diversos. Acerca deste âmbito técnico vale declarar que vem sendo contínua a aplicação desses procedimentos no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo, como forma de exercitar, divulgar, testar e complementar o método em estudo, considerado, sempre, como um processo em construção. Esta atitude não elimina a necessidade de detalhar estudos sobre procedimentos específicos. Neste sentido encontra-se especialmente em fase de aprofundamento o estudo de técnicas e outros referenciais teóricos que auxiliem na identificação de referenciais da paisagem, bem como de conceitos que contribuam para o exame e a classificação dos níveis de percepção dos elementos da paisagem. Este estudo visa aprimorar o reconhecimento e o estabelecimento de valores paisagísticos, devendo tornar-se objeto de futura publicação.

Cabe alertar ainda que, a despeito do que foi aqui exposto, existem aspectos políticos e mesmo culturais que desafiam o aporte técnico da questão. Conforme já indicado, mesmo considerando as diferenças e os contrastes dos contextos sócio-econômicos das áreas já estudadas, ambas apresentam semelhanças no que se refere ao conflito com a paisagem.

A região da Praia do Canto sofre intensa pressão do setor imobiliário no sentido da verticalização de construções, tendendo à ampliação da altura dos edifícios e da densidade de construções, o que viria a neutralizar as visibilidades paisagísticas existentes. A região da Baía Noroeste de Vitória pode alcançar este mesmo efeito, embora por caminhos distintos, considerando-se seu dinâmico e contínuo processo de autoconstrução.

Neste sentido, como parte complementar ao método, aponta-se para a importância de ampliação dos campos de informação e debate sobre a cidade e seus atributos em paralelo à preparação técnica dos profissionais, tendo em vista, neste estudo em particular, a relação intrínseca entre a manutenção dos referenciais da paisagem e as possibilidades de fortalecimento da identidade coletiva e da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Letícia Dalvi. Estatuto da Cidade em favor da paisagem urbana: estudo comparativo entre as regiões da Praia do Canto e da Baía Noroeste de Vitória. Vitória: Núcleo de estudos de Arquitetura e Urbanismo - NAU da Universidade Federal do Espírito Santo / PIBIC-CNPq, 2005.
- ALBUQUERQUE, Letícia Dalvi. O estatuto da cidade – estudo de seus instrumentos em favor da paisagem urbana. Vitória: Núcleo de estudos de Arquitetura e Urbanismo - NAU da Universidade Federal do Espírito Santo / PIBIC-CNPq, 2004.
- BUFFON, Ana Cláudia. Ensaio da Teoria Topoceptiva: um exercício de desenho urbano. Estudo de caso – Enseada do Suá, Vitória – ES. Brasília, Universidade de Brasília (dissertação de mestrado), 1999.
- CHING, Francis D. K. Arquitetura, forma, espaço e ordem. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- CORBIN, Alain. O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CULEN, Gordon. Paisagem Urbana. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. A apreensão da forma da cidade. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1996.
- LYNCH, Kevin. A Imagem da cidade. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- MENDONÇA, Eneida Maria Souza Mendonça. Instrumentos para ocupação urbana em favor dos referenciais da paisagem Salvador: Encontro Nacional da Anpur, 2005.
- MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Método para análise e construção da paisagem urbana – uma contribuição ao plano na escala do setor urbano para Vitória (ES). Vitória: Núcleo de estudos de Arquitetura e Urbanismo - NAU da Universidade Federal do Espírito Santo e Fundo de Apoio à Ciência e Tecnologia da Prefeitura Municipal de Vitória - Facitec/PMV, 2004.
- MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Transferência de interesse no percurso da verticalização de construções em Vitória (ES). São Paulo, Universidade de São Paulo (tese de doutorado), 2002.
- PEREIRA, Gabriela Leandro. A Baía Noroeste de Vitória no contexto da paisagem urbana: um ensaio comparativo do método para análise e construção. Vitória: Núcleo de estudos de Arquitetura e Urbanismo - NAU da Universidade Federal do Espírito Santo / PIBIC-CNPq, 2005.
- PEREIRA, Gabriela Leandro. O Morro do Guajuru no contexto da paisagem urbana de Vitória: um ensaio do método para análise e construção. Vitória: Núcleo de estudos de Arquitetura e Urbanismo - NAU da Universidade Federal do Espírito Santo / PIBIC-CNPq, 2004.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Dos cortiços aos condomínios fechados. As formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, IPPUR, UFRJ, FASE, 1997.
- ROCHA, Haroldo Correa, MORANDI, Ângela Maria. Cafeicultura e Grande Indústria: a transição no Espírito Santo - 1955-1985. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. O uso do solo e o município in Curso Governo e Administração Municipal. Rio de Janeiro, IBAM, 1981.
- VAZ, Lilian Fessler. Uma história da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro - Estudo da modernidade através da moradia. São Paulo (tese de doutorado, FAU-USP), 1994).